

A REPRODUÇÃO DA ENUNCIÇÃO INDIRETA EM NARRATIVAS INFANTIS

João Bosco Figueiredo¹

Resumo

Este artigo apresenta estudo referente ao discurso indireto em narrativas infantis. Busca verificar como crianças de séries iniciais reproduzem a enunciação indireta em narrativas escritas. Toma como amostra 123 narrativas que contam a história de Chapeuzinho Vermelho, constantes da base de dados para pesquisas comparativas em português, em espanhol e em italiano, através do sistema Textus. Consta que crianças de 07 anos, pertencentes à 1ª série são as que menos produzem o discurso indireto, principalmente, em sua forma desenvolvida, preferindo a infinitiva. É a partir da 3ª série que crianças de 09 anos de idade usam mais, e adequadamente, a forma desenvolvida com a conjunção integrante “que”.

Palavra-chave: Discurso indireto; coesão; coerência; aquisição.

Abstract

This paper analyses indirect speech in children's narratives. Its aim is to verify how children of initial grades reproduce indirect speech in written narratives. It is based on the analysis of 123 narratives reporting the story of Little Red Ridinghood which belong to the data basis of comparative researches in Portuguese, Spanish, and Italian through the Textus system. It verifies that seven-year-old children who are in the first grade are the least capable of producing indirect speech, mainly in its developed form with the conjunction “that”—they usually prefer the infinitive form. It is only from the third grade on that nine-year olds use the developed form more frequently and accurately.

Keywords: Indirect speech; cohesion; coherence; language acquisition.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o desenvolvimento de linguagem escrita estão cada vez mais interessando aos psicolinguistas, principalmente, no que concerne à visão da aquisição da modalidade escrita como um processo de construção contínuo.

Particularmente, estudar a aquisição do discurso narrativo significa conhecer as mudanças nas relações da criança com a linguagem, uma vez que as posições discursivas que se apresentam no narrar são múltiplas e complexas - a criança se depara, pelo menos, com três perspectivas: o narrador, o personagem e o autor.

Um fenômeno altamente produtivo, digno de estudo dentro desse campo, é discurso indireto em que os esquemas linguísticos sofrem modificações para a transmissão da enunciação do outro, num contexto monológico coerente.

O discurso indireto, em muitas línguas com escrita distingue-se claramente do discurso direto pela sintaxe (pelo emprego dos verbos - tempo e modo, das conjunções, dos dêiticos, dos anafóricos, etc.), de tal maneira que se constitui um esquema complexo de transmissão indireta do discurso (Cf. BAKTIN, 1995:156). Tal complexidade justifica investigar como as crianças de séries iniciais reproduzem a enunciação indireta em narrativas escritas.

A hipótese que norteia esse estudo é de que, na aquisição individual da linguagem, as crianças vão mudando as formas de reproduzir a fala do outro, dominando primeiro o discurso direto e evoluindo para aquisição do discurso indireto, havendo formas alternativas na transição.

PERRONI (1991) constatou que, na fase do desenvolvimento dos “casos” entre os 3;0 e os 4;0 de idade, as “tentativas de construção de discursos indiretos precedem outras de direto, como se os personagens estivessem nelas desprovidos de identidade independente dos discursos em que se inserem”(p.131).

¹ Professor de Linguística da Universidade Regional do Rio Grande do Norte e aluno do Mestrado em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa - UFC.

Embora essa constatação seja corroborada por ROJO (1991), acreditamos que esse movimento acontece somente nas narrativas orais, e que, crianças menores reproduzem menos o discurso indireto devido à complexidade da coesão semântico-sintática estabelecida entre a frase reproduzida e a frase introdutória.

Além dos trabalhos de PERRONI (op. cit.) e ROJO (op. cit.), que não são propriamente sobre o discurso indireto, existem vários estudos sobre narrativas de crianças (Cf. PERRONI (1991) e FERREIRO (1996)), entretanto desconhecemos estudos específicos sobre a reprodução da enunciação indireta em narrativas infantis, a não ser o trabalho de ROCHA (1991), não concluído.

Objetivamos, com este estudo, verificar a frequência do discurso indireto e analisar o conteúdo e a estrutura deste tipo de enunciação em narrativas infantis, de modo a compreender o processo de construção desse fenômeno. Para tanto, investigamos 123 textos escritos, de crianças cearenses, de 1ª. a 3ª. séries, de escolas públicas e particulares, que contam a história do Chapeuzinho Vermelho, constantes da base de dados para pesquisas comparativas em português, em espanhol e em italiano.

Este artigo organiza-se em 5 seções: 1) discurso indireto e coerência narrativa; 2) marcas típicas do discurso indireto; 3) procedimentos; 4) apresentação e discussão dos dados; 5) síntese; e 6) conclusão.

1 DISCURSO INDIRETO E COERÊNCIA NARRATIVA

As crianças desde os quatro ou cinco anos de idade têm idéias bastantes precisas do que é uma história, uma narração, ou seja, elas conhecem o esquema narrativo determinado por sua cultura, portanto sabem narrar de acordo com esse esquema (Cf. FERREIRO (1996) e BASTOS (1985)).

MATUTE & LEAL (1996) constataram, ao estudar a coerência em narrativas escritas infantis, que, para produzir um texto coerente, as crianças devem manejar diferentes aspectos lingüísticos tanto no nível da expressão quanto no nível do conteúdo; devem construir uma história completa (com início, meio e fim) em que os diferentes personagens não se confundam e suas ações sejam inteligíveis, e para isso, devem empregar determinados recursos e técnicas gramaticais. Os autores, considerando tanto a idade quanto a série escolar, concluíram que é o domínio crescente desses recursos e técnicas que permite a produção de textos cada vez mais complexos e mais claros.

Se um dos requisitos para a produção de um texto narrativo coerente reside em não haver confusão entre os diferentes personagens e suas ações serem inteligíveis, é necessário que a criança domine determinados recursos

coesivos (emprego dos verbos - tempo e modo, das conjunções, dos dêiticos, dos anafóricos, etc) ao reproduzir a enunciação dos personagens.

Uma das maneiras de conduzir as ações dos personagens é através da reprodução de suas falas - o discurso dos personagens, em que o narrador insere na narrativa a fala que não pertence a ele - a enunciação do outro.

No presente contexto, parece pertinente fazer a oposição lingüística entre discurso direto e discurso indireto, uma vez que são mais freqüentes na “voz” dos personagens em narrativas. No discurso direto, encontrado em diálogos ou em monólogos, o personagem assume o estatuto de sujeito da enunciação, “a sua voz autonomiza-se, esbatendo-se concomitantemente a presença do narrador” (REIS & LOPES, 1988:275); esse tipo de enunciação tem uma feição teatral e atualizadora. Segundo esses autores, o discurso direto pode ser introduzido por um verbo *dicendi* ou *sentiendi*,² que anuncia de forma explícita uma mudança de nível discursivo, ou ser simplesmente assinalado por indicadores diacríticos adequados, geralmente, dois pontos, aspas ou travessão. Todas as marcas características do modo de enunciação experiencial ou discursiva são encontradas no discurso direto, como primeira pessoa, expressões adverbiais dêiticas, localização temporal dos eventos em função do *agora* da enunciação da personagem.

No discurso indireto, o narrador não abdica do seu estatuto de sujeito da enunciação. Cabe a ele selecionar, resumir e interpretar a fala e/ou pensamentos dos personagens, operando uma série de transformações em relação aos tempos verbais, à categoria lingüística de pessoa e às locuções adverbiais de tempo e de lugar. A voz do personagem é introduzida na narração por meio de “uma forte subordinação sintático-semântica, que dá origem a um relato essencialmente informativo, mediatizado, sem a feição ‘teatral’ e atualizadora do discurso direto” (REIS & LOPES, 1988:276).

Aqui, em particular, é de nosso interesse o discurso indireto. Na nossa língua, como em muitas outras, vimos que a enunciação indireta tem marcas típicas com que se depara o produtor ao inseri-la na narrativa. Exige do produtor um certo domínio dos mecanismos para a transformação do enunciado proferido pelo personagem em discurso indireto. Isso nos faz supor que a criança tenha inicialmente dificuldades em dominar tais mecanismos, interferindo, assim, na produção de textos coesos e coerentes.

2 MARCAS TÍPICAS DO DISCURSO INDIRETO

2.1 No nível do conteúdo

Em narrativas, o discurso indireto se caracteriza pelo fato de o narrador transcrever o enunciado do personagem, ou dele mesmo, mas proferido em outra enunciação. Ele faz

² *Dicendi* e *sentiendi* são genitivos do gerúndio dos verbos *dicere* e *sentire*, respectivamente, e significam: *de dizer*, *de sentir*, verbos cuja principal função é indicar o interlocutor que está com a palavra.

uma interpretação, que pode ser a síntese do enunciado citado, abstraindo os matizes da linguagem afetiva, as suas peculiaridades de expressão, como interjeições, exclamações, orações volitivas, gíria, etc., próprias da fala do personagem. O discurso indireto é sempre a narração de uma fala, com um caráter mais racional. O narrador pode dar a impressão de objetividade, mas o enunciado transcrito, despojado da subjetividade do personagem, fica na dependência da subjetividade do narrador, adaptando-o a seu próprio discurso. O narrador pode ainda se utilizar da citação da citação, em que ele narraria a enunciação de um personagem que enuncia o discurso de outro personagem.

2.2 No nível da expressão

No nível da expressão, o discurso indireto requer um domínio de coesão sequencial, marcada pela relação de complementação, e de coesão referencial, no que diz respeito aos dêiticos e anafóricos.

A primeira se dá através dos verbos *dicendi* que constitui o núcleo da frase introdutória, cuja complementação é introduzida pelos conectivos *que* e *se* ou pelos pronomes e advérbios interrogativos indiretos *quem*, *qual*, *onde*, *como*, *quando*, *porque*, etc., ou, ainda, menos frequentemente, por uma frase infinitiva ou gerundial. Os verbos *dicendi* ou verbos de elocução, segundo GARCIA (1986), têm a função de indicar o interlocutor que está com a palavra e pertencem a nove áreas semânticas: verbos de dizer (afirmar, declarar); de perguntar (indagar, interrogar); de responder (retrucar, replicar); de contestar (negar, objetar); de concordar (assentir, anuir); de exclamar (gritar, bradar); de pedir (solicitar, rogar); de exortar (animar, aconselhar); de ordenar (mandar, determinar). Ainda, segundo o autor, esses verbos são os mais comuns, de sentido geral. Mas há outros, “mais caracterizadores da fala”, citados em nota de rodapé. Entre esses estão: convidar, explicar, murmurar, concluir, desculpar, comentar, cochichar, repetir.

Os tempos e modos verbais são passíveis de alteração, se o verbo de elocução estiver no passado: o presente (IdPr) e imperfeito (IdPt1); o presente (IdPr) com valor de futuro (IdFt1) e futuro do pretérito (IdFt2); o futuro do presente (IdFt1) e futuro do pretérito (IdFt2); o pretérito perfeito (IdPt2) e pretérito mais-que-perfeito (IdPt3); o imperativo (Ip) e imperfeito do subjuntivo (SbPt).

A coesão referencial requer um domínio dos dêiticos e anafóricos, que, segundo ALLIENDE & CONDEMARIN (1987), são adquiridos, na escrita, de forma gradual. No discurso indireto, devem ser abstraídas as indicações da situação feita por dêiticos. Eles devem ser substituídos por

vocábulos próprios para estabelecer relações no próprio contexto lingüístico.

A 1ª. pessoa, a menos que o enunciado seja do próprio narrador, é substituída pela 3ª. pessoa: meu e seu, dele(a); eu e ele (a); nós e eles; este (a), isto e aquele(a), aquilo. Os advérbios de lugar e de tempo correspondentes ao ato de enunciação são substituídos: aqui e lá; agora e então, naquele momento, na ocasião; hoje e naquele dia; amanhã e no dia seguinte; ontem e na véspera, no dia anterior.

Os verbos *ir/vir*, *levar/trazer* também podem ser trocados se o local das duas enunciações não for o mesmo.

Cabe salientar, ainda, que os sinais diacríticos (dois pontos, aspas, travessão, grifo ou itálico), normalmente, não são usados no discurso indireto; embora, em casos especiais, o enunciado transcrito, ou parte dele, possa receber alguma dessas marcas, seja para dar ênfase ao que foi dito, seja por ironia ou dúvida do citador.

3 PROCEDIMENTOS

O problema da pesquisa consistiu em responder à pergunta “como as crianças de séries iniciais reproduzem a enunciação indireta em suas narrativas?”, e em comprovar a hipótese aventada de que as “crianças menores reproduzem menos a enunciação indireta devido à complexidade da coesão semântico-sintática estabelecida entre a frase reproduzida e a frase introdutória”³.

O universo da pesquisa se constituiu de 123 textos escritos de crianças cearenses de 1ª a 3ª séries de escolas públicas de zona de classe baixa (1ª.=14; 2ª.=23; 3ª.=18) e de escolas particulares de zona de classe média (1ª.=19; 2ª.=24; 3ª.=25), com idade variando entre 7 e 12 anos no interior de cada série. As crianças contam a história do Chapeuzinho Vermelho, constantes da base de dados do português, criada sob a coordenação da Profª. Drª. Nadja Ribeiro da Costa Moreira, da Universidade Federal do Ceará. Esta base faz parte da Base computadorizada de dados para análise comparativa internacional (português, espanhol e italiano) de produções escritas de crianças.

Para o levantamento dos dados, utilizamos o Sistema TEXTUS⁴ através dos arquivos com extensão .SOM do corpus de textos em português, onde já se encontravam codificadas as informações relativas ao enunciado da criança, tal como foi escrito, (*E), normalização ortográfica (%O), categorização morfológica (%M) e a estrutura do texto (%P). Como nosso interesse residia no discurso indireto, levantamos a sua ocorrência nos enunciados cuja linha %P apresentava duas características: o episódio do conto ao qual pertence o enunciado e a estrutura narrativa

³ Preferimos “frase introdutória” e “frase reproduzida” a “oração principal” e “oração subordinada” devido a estas terminologias serem questionáveis. Mais detalhes em Fávero (1987).

⁴ “Textus” é um software criado por Isabel Garcia Hidalgo, especialista no tratamento automatizado de dados lingüísticos e investigadora do El Colegio de México.

- discurso indireto. Interessou-nos, também, o enunciado anterior ao discurso indireto que constitui sua frase introdutória. Recategorizamos alguns verbos de elocução devido a outras ocorrências não previstas no Sistema TEXTUS.

Objetivando: 1) verificar a freqüência do discurso indireto nas narrativas, observamos a sua ocorrência por: a) sujeito (considerando a idade); b) episódio; c) série e classe social; e 2) analisar o conteúdo e a estrutura do discurso indireto tanto qualitativamente quanto quantitativamente, observamos: 2.1) **Conteúdo**: a) escolha dos verbos de elocução; b) enunciação da ação principal; c) enunciação como forma de resumo informativo; d) presença de circunstâncias ou detalhes modificando o verbo de elocução; e) citação de citação; 2.2) **Estrutura**: Frase introdutória: a) tempo verbal do verbo de elocução; b) Verbo de elocução em 3ª. pessoa; Frase reproduzida: a) enunciado em 3ª. pessoa; b) verbo enunciado no imperfeito; c) verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito; d) verbo no subjuntivo; e) enunciado subordinado introduzido pela integrante *que*; f) enunciado subordinado introduzido pela integrante *se*; g) verbo de elocução + infinitivo; h) enunciado em forma interrogativa; i) pronome demonstrativo de 3ª. pessoa (aquele (a), aquilo); j) advérbio de lugar (*ali*).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Segundo FERREIRO (1996), na história do Chapeuzinho Vermelho, os fragmentos de discurso direto aparecem quase exclusivamente nos episódios 2 (a mãe pede a chapeuzinho que vá levar algo a sua avó, com ou sem recomendações sobre o caminho que deve seguir); 4 (Chapeuzinho encontra-se com o lobo - diálogo entre ambos; decisão sobre o caminho a seguir); e 6 (Chapeuzinho chega à casa da avó. Diálogo canônico com o lobo disfarçado de avó). ROCHA (1994) acrescenta uma outra possibilidade no episódio 5 (o lobo chega à casa da avó e a come, ou então a avó se esconde; o lobo se disfarça de avó).

Pensamos, inicialmente, que residia nestes episódios a possibilidade de a criança fazer a transposição do discurso direto em indireto e que podíamos elegê-los como aqueles em que certamente apareceria o discurso indireto, desprezando os demais. Contudo, tomamos a decisão de investigar todos os episódios e constatamos na primeira série escolar média investigada a presença de discurso indireto no episódio 3 (Chapeuzinho vai pelo bosque, canta e/ou colhe flores e/ou se encontra com animaizinhos, etc.) e

no episódio 7 (chegada do caçador, ou equivalente, e final da história).

Então, fizemos o levantamento das ocorrências do discurso indireto, considerando a idade e os episódios, e constatamos o que pode ser visualizado na tabela 1.

c1b⁵

Tabela 1 - Relação entre idade (E) x episódios (Ep) - c1b

Ep E	02	03	04	05	06	07	Total (uso)	Total usuário	Total n usuário
7.00	01	-	-	-	-	-	01	01	-
8.00	03	-	-	-	-	-	03	03	03
9.00	03	-	-	-	-	-	03	03	03
10.00	-	-	-	-	-	-	-	-	01
Total	07	-	-	-	-	-	07	07	07

Em c1b, as crianças concentram o uso do discurso indireto no Ep02, como forma de resumo informativo da ação que desencadeia a história, empregando quase que totalmente o verbo de elocução “mandar” (IdPt2), que ocorre gradualmente dos 7 aos 9 anos.

Tabela 2: Frase introdutória - c1b⁶

VE	MT	IdPt2	Gr-	IdPr	Loc. V
	E	7 8 9 10 11 12	7 8 9 10 11 12	7 8 9 10 11 12	7 8 9 10 11 12
dizer		01			
mandar		01 02 03			

Observamos também a incidência do sujeito da frase introdutória na forma “a vovó” (c1b08); “mamãe” (c1b10); “a mamãe” (c1b18), retratando um não distanciamento entre o narrador e o autor, uma vez que essas formas de tratamento têm matizes de afetividade utilizados na relação íntima com os próprios familiares; já em “sua mamãe” (c1b013) e “a mamãe da chapeuzinho” (c1b016), constatamos um traço de afetividade mais distanciado pelas referências pronominal e nominal, “sua” e “da chapeuzinho”, respectivamente.

Observemos, então, o exemplo de **Isis,7** (c1b018) que segue:

a mamãe mão de de_xa/um dosi para vovó
A mamãe mandou deixar um doce para vovó

A fala da personagem introduzida por “mandar” se apresenta como frase infinitiva, que, como podemos ver, tem grande incidência na tabela 3.

Igualmente ao exemplo, há três ocorrências de anáfora zero na posição sujeito. Segundo SOARES (1994:81),

⁵ c1b - 1ª. baixa . Usaremos nas tabelas subseqüentes: c1m - 1ª. série média; c2b - 2ª. série baixa; c2m - 2ª. série média; c3b - 3ª. série baixa; c3m - 3ª. série média.

⁶ VE - verbo de elocução; MT - modo-tempo; Gr - gerúndio; Loc. V. - locução verbal

o uso da anáfora zero é “orientado por fatores que dependem da relação entre o ouvinte e o leitor, como alto grau de previsibilidade..., facilidade de identificação do referente e com a manutenção dos referentes, como máxima continuidade” temática. KARMILOFF-SMITH(1980, *apud op. cit.*) corrobora esta afirmativa, acrescentando que a anáfora zero tem como marca o sujeito temático ou protagonista central da história, enquanto os outros personagens são referidos através de formas nominais definidas. Nos nossos exemplos, a anáfora zero se refere a Chapeuzinho Vermelho presente no Ep01.

Quanto ao uso de dêiticos e de anafóricos, c1b013 utiliza duas vezes “sua”.

O verbo “dizer” tem apenas uma ocorrência, empregado com a conjunção integrante “que + loc v(SbPt + Gr), com a mesma função das ocorrências anteriores com o verbo “mandar”.

clm

Em clm, o discurso indireto ocorre com mais incidência do que em c1b e de maneira mais distribuída entre

Ep02 e Ep04, inclusive aos 7 anos de idade, como podemos ver na tabela 4.

No tocante à frase introdutória, o uso do verbo de elocução “dizer” ocorre mais do que “mandar”, inversamente ao que ocorre na mesma série escolar de origem social baixa. Comparemos, pois, a tabela 1 com a 5, que segue:

Em c1m, o verbo “mandar” mantém a mesma estrutura empregada pela c1b. Já, com o verbo “dizer”, a criança complementa a regência verbal, na tentativa de explicitar o destinatário na interação entre os personagens, usando o objeto indireto. Isso ocorre no exemplo em que **Nicole,7** (c1m016) utiliza uma citação de citação, ou seja, a fala do personagem para enunciar a fala de outro, em:

o caçadores disseram as nossas- | visinhas que o lobo mal anda lá devorando | as criancinhas .

O verbo “dizer” parece sugerir mais a frase reproduzida introduzida por “que” (conjunção integrante), com 10 ocorrências (ver tabela 5 e 6), evidenciando uma forma mais elaborada, talvez, por “dizer” ser um “legítimo” verbo *dicendi* como classifica GARCIA (1986).

Tabela 3 - Estrutura das frases reproduzidas - c1b⁷

Estrut. E	que + IdPt1	que + IdPt2	que + Loc.V	que + SbPt	se + IdPt1	se + IdPt3	se + IdFt2	If	If + If	prep + If	PR + IdPt1	pron	adv.
7.00	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-
8.00	-	-	01	-	-	-	-	02	-	-	-	-	-
9.00	-	-	-	-	-	-	-	02	01	-	-	02	-

Tabela 4 - Relação entre Idade (E) x Episódios

Ep E	02	03	04	05	06	07	Total (uso)	Total usuário	Total ñ usuário
7.00	06	01	04	-	-	02	13	06	09
8.00	01	-	01	-	-	-	02	01	02
9.00	01	-	01	-	-	-	02	01	-
Total	08	01	06	-	-	-	17	08	11

Tabela 5 - Frase introdutória - c1m

VE	MT E	IdPt2					Gr					IdPr					Loc. V								
		7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12
dizer		08	01	01																					
mandar		01	01																						
pedir		03																							
gritar		01																							

Tabela 6 - Estrutura das frases reproduzidas - c1m

Estrut. E	que + IdPt1	que + IdPt2	que + Loc.V	que + SbPt	se + IdPt1	se + IdPt3	se + IdFt 2	If	If + If	prep + If	PR + IdPt1	pron	adv
7.00	07	01	02	-	-	-	-	03	01	02	-	08	02
8.00	02	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
9.00	-	-	-	-	-	-	-	02	-	-	-	-	-

⁷ If - infinitivo; prep. - preposição; PR - pronome relativo; pron - pronome; adv - advérbio.

Inclinamo-nos a acreditar que esse nível mais alto de codificação gramatical reflita as dificuldades das crianças em usarem o subjuntivo (SbPt), também uma forma elaborada, como nos exemplos que seguem:

e ele disse | que a chapeuzinho+vermelho | ir por outro caminho

e ele disse que a Chapeuzinho+Vermelho ir por outro caminho **Igor, 9** (c1m010)

e ela disse que era que foi a casa- | de sua avó que sua avó não esta- _ | _va lá .

e ela disse que era que foi a casa de sua avó que sua avó não estava lá **Nicole,7** (c1m016)

Podemos ter duas interpretações para a construção de **Nicole** (c1m016): uma seria "ela disse o que era..."= do que se tratava; a outra seria a tentativa de construir o mais-que-perfeito (IdPt3): "tinha ido" ou "fora". Essa última corrobora a dificuldade de lidar com níveis mais alto de elaboração.

Em: **e disse que não era par/ i no caminho do bosque |**

e disse que não era para ir no caminho do bosque **Francisco,7** (c1b018), esta construção parece mais uma transposição do oral (discurso direto) palavra por palavra de um esquema para outro, da maneira como a ordem foi enunciada mudando apenas o tempo verbal (IdPt1).

Em: **a mãe da chapeuzinho disse | que não podia parar para pegar flores .**

a mãe da Chapeuzinho disse que não podia parar para pegar flores **Lia,7** (c1m015) há, no discurso indireto, uma ambigüidade decorrente da anáfora zero, e, embora seja recuperável pelo contexto e pela audiência conhecedora da história, ocorre-nos que seja a influência de "da Chapeuzinho" presente no sujeito da frase introdutória, de modo a assegurar a continuidade do tópico.

Outro verbo de elocução utilizado pelas crianças dessa série escolar é "pedir". A construção comum a todas as ocorrências com este verbo se configura em "pedir (IdPt2) + para (prep) + If", como:

A mãe dela pediu | para a Chapeuzinho deicha doce na casa | da vó dela.

A mãe dela pediu para a Chapeuzinho deixar doce na casa da avó dela. **Marina,7** (c1m021)

A maioria dos gramáticos condena tal construção, considerando-a viciosa e só a admite quando for possível subentender entre o verbo "pedir" e a preposição para uma das palavras *licença, permissão, autorização* (FERNANDES, *Apud* LUFT, 1993, p.395). Contudo há outros gramáticos (*idem ibidem*) que firmam ser uma construção moderna e mais usual no português do Brasil. KOCH (1987), por exemplo, em nota de rodapé, defende que, sob um enfoque textual, os conectivos interfrásticos devem englobar as preposições e locuções prepositivas responsáveis pelo relacionamento de proposições; geralmente, freqüentes nas reduzidas de infinitivo.

Diante de tais opiniões, atribuímos o uso dessa construção ao modo pragmático que GIVÓN (1979, *apud* VOTRE, 1987) associa à fala espontânea (e infantil): entre outras características, a estrutura oracional do tipo tópico/comentário e o uso restrito da morfologia gramatical.

Encontramos ainda dois exemplos curiosos:

A chapeuzinho | gritou pedindo socorro .

A Chapeuzinho gritou pedindo socorro . **Lia,7** (c1m015)

A mãe da menina para ir visitar a vovó .

A mãe da menina para ir visitar a vovó . **Aton,7** (c1m019)

A construção de **Lia** apresenta dois verbos *dicendi*: na frase introdutória, "gritar" tem uma anáfora zero na posição de objeto indireto e tem a complementação com outra proposição introduzida por "pedir" (Gr), outro verbo de elocução, com a complementação de outra proposição conhecida tradicionalmente como frase nominal (Cf. GARCIA, 1986), "socorro". Então, temos um exemplo de discurso indireto caracterizado pela citação de citação.

Acreditamos que **Aton** omitiu o verbo (pediu?) por esquecimento e, por falta de uma revisão acurada, tal omissão passou despercebida. Mesmo assim, ainda temos a anáfora zero na posição do sujeito trazendo ambigüidade.

Quanto aos dêiticos e aos anafóricos, tivemos a ocorrência de "lá" (2), "sua" (5); "dela" (3); "nossas" em c1m016, na citação da citação; e anáfora zero na posição sujeito (9).

c2b

A ocorrência do discurso indireto em c2b aumenta em comparação a c1b e c1m, incidindo mais nas narrativas de crianças de 10 anos de idade, em primeiro lugar, seguida das de 9 anos, como podemos observar na tabela 7:

Tabela 7 - Relação entre Idade (E) x Episódios (Ep) - c2b

Ep \ E	02	03	04	05	06	07	Total (uso)	Total usuário	Total nº usuário
7.00	-	-	-	-	-	-	-	-	01
8.00	01	-	02	-	-	-	03	01	03
9.00	03	01	03	-	-	-	07	04	05
10.00	06	-	02	01	01	-	10	05	02
12.00	01	-	-	-	-	-	01	01	01
Total	11	01	07	01	01	-	21	11	12

A incidência dos verbos de elocução recai sobre os episódios 2 e 4, e continuam sendo mais empregados os verbos “mandar” e “dizer”.

Tabela 8 - Frase introdutória - c2b

VE	MTE	IdPt2				Gr				IdPr				Loc. V											
		7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12
dizer		02	02	02																					
mandar		05	07																						
pedir		01																							
chamar				01																					
perguntar		01																							

A frase introdutória com o verbo “mandar”(IdPt2) se apresenta em todas as ocorrências complementadas por uma proposição infinitiva, mantendo a mesma estrutura dos empregos em c1b e c1m, como constatamos em:

Tabela 9 - Estrutura das frases reproduzidas - c2b

Estrut. E	que + IdPt1	que + IdPt2	que + Loc.V	que + SbPt	se + IdPt1	se + IdPt3	se + IdPt2	If	If + If	prep + If	PR + IdPt1	pron	adv
8.00	-	-	-	02	-	-	-	-	-	01	-	03	-
9.00	01	01	-	-	-	-	-	05	-	-	-	04	-
10.00	01	-	-	-	-	-	-	06	01	01	-	03	-
12.00	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	02	-

diferenciando, apenas, pela presença posicional dos sujeitos “ela”(5 ocorrências) e “ele”(2 ocorrências), referindo-se ao Chapeuzinho - concordando ora com a personagem do sexo feminino ora com o nome no gênero masculino; “a menina”(1 ocorrência); e anáfora zero (2 ocorrências), tendo o mesmo referente a personagem principal.

Nas frases introdutórias com o verbo “dizer”, notamos uma maior preocupação em amarrar mais a interação com o destinatário através do emprego do objeto indireto “para a chapeuzinho”; “a vovó”. Já as frases reproduzidas são iniciadas pela conjunção integrante “que” e pela preposição “para”; e tem o emprego dos tempos e modos verbais esperados. O verbo “dizer” foi utilizado também numa citação de citação direta do personagem Chapeuzinho em **Ana Paula, 8** (c2b009): **eu não minha mamãe | disse que eu fosse pelo caminho do rio** .

Nas frases introdutórias, houve também a ocorrência de outros verbos de elocução, como: “chamar” (IdPt2), que é complementado pelo objeto indireto “lhe”, referindo-se a Chapeuzinho; “pedir”(IdPt2), igualmente ao exemplo anterior, apareceu numa citação de citação direta do personagem Chapeuzinho em **Ana Paula, 8** (c2b009):

e ums | dosinhos que minha mamãe pediu que eu | levase para minha vozozinha . |

e uns docinhos que minha mamãe pediu que eu levasse para minha vozozinha . ;

e “perguntar”(IdPt2) em **José Ribamar,10**(c2b013):

o/labo pergoutou o+que ela tinha
o lobo perguntou o que ela tinha

em que temos a frase reproduzida como uma proposição interrogativa.

Os dêiticos e os anafóricos foram usados adequadamente em “sua” (4 ocorrências); “dela” (4 ocorrências); “dele” (2 ocorrências), fazendo concordância com o nome Chapeuzinho; e “minha”(2 ocorrências), na citação de citação.

c2m

O uso do discurso indireto em c2m é maior do que em c2b. É mais freqüente, e quase na totalidade, em narrativas de crianças de 8 anos de idade, com uma concentração maior no episódio dois.

Tabela 10 - Relação entre Idade (E) x Episódios (Ep) - c2m

Ep E	02	03	04	05	06	07	Total (uso)	Total usuário	Total ñ usuário
7.00	02	-	-	-	-	-	02	02	-
8.00	15	-	05	-	-	02	22	13	07
9.00	-	01	-	-	-	-	01	01	01
Total	17	01	05	-	-	02	25	16	08

Na frase introdutória, há uma equivalência no uso dos verbos de elocução “mandar”, “dizer” e “pedir”, ocorrendo também os verbos “chamar”, “falar”, “convidar” e “prometer”. Consideramos estes dois últimos como vicários dos verbos de elocução.

Tabela 11 - Frase introdutória - c2m

VE	MT E	IdPt2				Gr				IdPr				Loc. V											
		7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12						
dizer		05	01					01																	
mandar		02	04																						
pedir		06																							
chamar		01																							
perguntar		01																							
falar		01																							
convidar		01																							
prometer		01																							

Esses verbos são empregados, quase totalmente, no pretérito perfeito do indicativo, excetuando-se a ocorrência de um gerúndio na narrativa de **Denise, 8** (c2m015): **e o lobo mau | ouviu ela dizendo que estava levando doce** .

Nas frases reproduzidas, notamos uma maior incidência no uso da conjunção integrante “que” do que na c2b, mas equivalendo-se à c1m, que é da mesma origem social. Entretanto, há uma equivalência no uso do infinitivo em relação à c2b, como podemos conferir na tabela 12.

Tabela 12 - Estruturas das frases reproduzidas - c2m

Estrut. E	que + IdPt1	que + IdPt2	que + Loc.V	que + SbPt	se + IdPt1	se + IdPt3	se + IdPt2	If	If + If	prep + If	PR + IdPt1	pron	adv
	7.00	-	-	-	-	-	-	-	01	01	-	-	-
8.00	04	-	05	02	-	-	-	06	02	04	-	09	-
9.00	-	-	-	-	-	-	-	09	-	01	-	-	-

O verbo “mandar” mantém a mesma estrutura com o infinitivo, igualmente às séries até aqui estudadas, embora com uma maior preocupação em preencher a posição sujeito da proposição infinitiva com “ela”(3 ocorrências); “(a)

sua filha”(2 ocorrências); e “eu”, numa citação de citação direta (1 ocorrência), evitando, assim, a anáfora zero.

Tal preocupação já não há em 5 ocorrências com as estruturas do verbo “dizer”, que, por sua vez, tem a sua complementação - a frase reproduzida - iniciada pela conjunção integrante “que”(6) e uma ocorrência de proposição infinitiva: prep + If.

Observamos um exemplo curioso quanto ao uso do tempo verbal em **Bruno, 9** (c2m002):

então apareceu | um garoto disse que no meio da floresta- _ | _sta tem um lobo mal

então apareceu um garoto disse que no meio da floresta tem um lobo mau

O uso da forma “**tem**” está no presente do indicativo quando o esperado seria o imperfeito. Atribuímos esse fato ao que Weinrich(1964, *apud* KOCH, 1995) teoriza como “metáfora temporal”, em que “pode ocorrer um emprego de um tempo de um dos mundos⁸ no interior do outro”(p.53). Aplicando sua teoria a esse exemplo, teríamos que o uso de “**tem**” no presente, tempo do mundo comentado, está no interior do mundo narrado (imperfeito) que significa haver um maior engajamento do locutor, no caso “um garoto”. Acreditamos que o uso do presente narrativo se deu devido ao fato de ser relevante na história a presença do lobo na floresta. O mesmo acontece na citação de citação direta em:

porque os cacadores diceram que | a estrada da floresta anda tendo lobo | mal

porque os caçadores disseram que a estrada da floresta anda tendo lobo mal

que querem comer crianças

que querem comer crianças **Mariana, 8** (c2m018)

Se nossa hipótese se confirma, podemos afirmar que, no exemplo que segue, temos uma incoerência em **está(1)**, que deveria ser empregado um tempo verbal do mundo narrado (imperfeito), mas em **está (2)**, o emprego da metáfora temporal parece ser coerente; se não, vejamos:

a mãe de chapeuzinho+ | +vermelho pediu para ela ir na casa da vovó deixar |

a mãe de Chapeuzinho+Vermelho pediu para ela ir na casa da vovó deixar

uns doces porque ela está(1) doente .

uns doces porque ela está doente

e disse para ela ir no caminho onde o lobo não | está (2).

e disse para ela ir no caminho onde o lobo não está .

Denise, 8 (c1m015)

As estruturas com o verbo “pedir” obtiveram como frase reproduzida proposições infinitivas: prep + If(+If), com

4 ocorrências, e um If omitindo a preposição, portanto prejudicando a coesão sequencial exigida pelo verbo da frase introdutória, como em **Mariana, 8** (c2m018):

um dia a | sua mãe pediu a ela levar dosinhos para a | sua vó
um dia a sua mãe pediu a ela levar dosinhos para a sua avó

Observamos uma dificuldade em elaborar a frase reproduzida com o tempo verbal mais elaborado em **Lia, 8** (c2m013):

Um dia a mãe de chapeuzinhoS +/- vermelho pediu a | chapeuzinho +/-vermelho

Um dia a mãe de Chapeuzinho+Vermelho pediu a Chapeuzinho +Vermelho

que isse na casa da vovó | entregar os doces.

que fosse na casa da vovó entregar os doces.

Nas construções com os verbos de elocução “chamar” e “convidar”, as frases reproduzidas ocorreram no infinitivo antecedido da preposição “para”. Já, com os verbos de elocução “falar” (IdPt2) e “prometer” (IdPt2), as frases reproduzidas foram introduzidas pela conjunção integrante “que”. E, por último, com o verbo “perguntar” (IdPt2), a frase reproduzida inicia-se com preposição mais pronome interrogativo.

Quanto aos dêiticos, além das anáforas zero anteriormente mencionadas, temos a ocorrência de “sua”(4 ocorrências),”dela”(4 ocorrências) e “aquilo”(1 ocorrência).

c3b

A incidência do discurso indireto em c3b recai sobre os episódios 02, 04 e 06, sendo mais utilizado nas narrativas das crianças de 9 e 10 anos de idade.

Tabela 13: Relação entre Idade (E) x Episódios (Ep) - c3b

Ep \ E	02	03	04	05	06	07	Total (uso)	Total usuário	Total ñ usuário
8.00	02	-	02	-	-	-	04	01	-
9.00	06	-	07	-	01	-	14	04	-
10.00	07	-	04	-	-	-	11	05	05
11.00	03	-	01	-	-	-	04	01	02
Total	18	-	14	-	01	-	33	11	7

Na frase introdutória, os verbos de elocução mais recorrentes são “dizer” e “mandar”; com incidência bem menor vêm o verbo “perguntar” e, menos ainda, os verbos “pedir”, “chamar”, responder” e, os que nós consideramos vicário, “dar aviso”(= avisar) e “dar conselho”(= aconselhar):

⁸ Ver as diferenças entre “mundo narrado” e “mundo comentado” em KOCH(1995), p.51-7.

Tabela 14: Frase introdutória - c3b

VE	MT	IdPt2				Gr				IdPr				Loc. V					
	E	7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12
dizer		02	06	02	03														
mandar		01	02	04	01														
pedir						01													
chamar			01																
perguntar		02	02																
responder		01																	
dar aviso*		01																	
dar conselho*		01																	

Em c3b, notamos um crescente emprego da estrutura característica das frases reproduzidas em discurso indireto que se iniciam com a conjunção integrante “que”, se compararmos as séries já estudadas (cf. tabelas 15 e 3, 6, 9, 12).

As frases reproduzidas que complementam o verbo de elocução “dizer”, em sua maioria, são iniciadas pelo conectivo “que” e apresentam uma seqüencialização adequada do uso do tempo-aspecto-modo verbal; excetuando-se **Antônio, 9** (c3b006):

e o lobo lhe disse que o lobo mau | morel
e o lobo lhe disse que o lobo mau morreu

Outro exemplo que devemos citar se refere a:

a mãe de chapelsinho dise para não ir pela floresta
a mãe de Chapeuzinho disse para não ir pela floresta
Chapelsinho dise que sim
Chapeuzinho disse que sim **Katiana,11**(c3b016)

Tabela 15 - Estrutura das frases reproduzidas - c3b

Estrut.	que + IdPt1	que + IdPt2	que + Loc.V	que + SbPt	se + IdPt1	se + IdPt3	se + IdPt2	If	If + If	prep + If	Pl + IdPt1	pron	adv
8.00	02	-	01	01	-	-	-	01	-	-	-	-	02
9.00	07	01	01	05	-	-	-	-	02	-	01	02	01
10.00	04	-	-	-	-	-	-	06	-	-	01	03	01
11.00	-	-	01	-	-	-	-	01	-	01	-	-	-

Neste exemplo, temos o já comentado uso de preposição mais infinitivo, no entanto, mais interessante mesmo é a construção **que sim**, em que o advérbio **sim** funciona como uma frase que tem, para nós, uma explicação discursiva, pois somente o contexto pode atualizá-la: a confirmação da advertência feita pela mãe na frase anterior.

Um exemplo que demonstra dificuldade na construção da frase reproduzida pode ser visto em:

e a mãe dela dece não e pela | folresta que lá tenha um lobo mal
e a mãe dela disse não ir pela floresta que lá tinha um lobo mau **Valdemberg, 10** (c3b015)

Acreditamos que a criança tenha produzido esta construção por não dominar a transposição do verbo no imperativo da enunciação direta em indireta(que + SbPt), uma vez que em outras construções no texto ela usa **perguntou o que tinha; disse que tinha**.

Em se tratando das frases reproduzidas com o verbo de elocução “mandar”, as construções são sempre com o infinitivo; uma delas ocorreu numa citação de citação direta. Com o verbo “chamar” a frase reproduzida também ocorreu no infinitivo, iniciada pela preposição “para”. Com o verbo “perguntar”, há quatro ocorrências: duas iniciadas pelo advérbio interrogativo “onde”, antecedido da preposição “para”; e uma pelo advérbio interrogativo “aonde”; e outra pelo pronome demonstrativo “o” seguido do relativo “que”.

Deparamo-nos também com exemplos que consideramos enunciação indireta a frase reproduzida do verbo de elocução “pedir”- uma frase nominal, e das formas vicárias de verbo de elocução “dar conselho”(= aconselhar); “dar aviso”(= avisar). Então, vejamos:

e saiu correndo pe- | _dindo socorro
e saiu correndo pedindo socorro **Carlos, 9** (c3b009)

mas astes deso a mãe de chapeúzinho+verme | _lho li/ deu um comcelho
mas antes disso a mãe de Chapeuzinho+Vermelho lhe deu um conselho

que não fose | pela floresta porque lá tinha um lobo | mau que come criancinhas (...)
que não fosse pela floresta porque lá tinha um lobo mau que come criancinhas

e | que ela fose pelo bosque que não | tem perigo e que ela fosse pelo bosque que não tem perigo **Antônio, 9** (c3b006)

é lhe\$/deu um a _viso para não ir pela floresta ir pelo rio e lhe deu um aviso para não ir pela floresta ir pelo rio **Francisco, 10** (c3b010)

Acreditamos que **Antônio, 9** (c3b006) e **Francisco, 10** (c3b010) tenham preferido as formas a que chamamos vicárias por querer dar ênfase aos atos: “aviso” e “conselho”. Os verbos “aconselhar” e “avisar” são considerados por GARCIA(1986) como verbos de elocução: o primeiro, de sentido geral, e o segundo, de sentido específico. Sobre o emprego dos verbos **come** e **tem** da enunciação indireta, pode ser explicado pela metáfora temporal - o presente histórico ou narrativo.

Ainda temos uma construção interessante com a frase reproduzida do verbo de elocução “responder” como podemos observar em **Antônio,9**(c3b006):

e ela lhe respondeu bolo decos e tortas
e ela lhe respondeu bolo doces e tortas

Esta construção é bem típica do discurso direto, faltando-lhe apenas a pontuação para caracterizá-la como tal. No entanto, trata-se de um discurso indireto com a omissão da conjunção integrante “que” e, provavelmente, da forma verbal “era”, pois o texto confirma isso pelas outras

enunciações dos personagens serem todas indiretas, como podemos conferir com o exemplo anterior a este, da mesma autoria.

Quanto ao uso de dêiticos e de anafóricos, constatamos uma grande incidência de anáfora zero (10 ocorrências) e o pronome “ela” (8 ocorrências) na posição sujeito das frases reproduzidas. Aparece também os pronomes “sua” (2 ocorrências), “dela” (2 ocorrências), “me” (=mim na função sujeito, numa citação de citação, de c3b016) e dos advérbios “aí” e “lá”. Incoerentemente, são empregados “aqui” (c3b005) e “esta” (c3b018).

c3m

A maior incidência de discurso indireto em c3m recai, numa ordem decrescente, sobre os episódios 2, 4, 6 e 7, sendo mais empregado por crianças de 9 anos de idade:

Tabela 16 - Relação entre Idade (E) x Episódios (Ep) - c3m

Ep \ E	02	03	04	05	06	07	Total (uso)	Total usuário	Total ñ usuário
8.00	04	-	-	-	-	-	04	02	-
9.00	21	-	07	-	04	01	33	13	06
10.00	01	-	02	-	-	-	03	01	02
11.00	02	-	-	-	-	-	02	01	-
Total	28	-	09	-	04	-	42	17	08

Na frase introdutória, a escolha do verbo de elocução consistiu em “mandar”, “dizer” e “pedir”, como os mais empregados; seguidos de “perguntar”, “falar”, “responder” e “gritar, em menor escala.

Tabela 17 - Frase introdutória - c3m

VE	MT	IdPt2				Gr				IdPr				Loc.V										
		7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11	12	7	8	9	10	11
dizer				01	07	02					03													
mandar				01	11																			
pedir				05	01					02														01
perguntar				02	01																			
falar				02																				
responder				01	01																			
gritar				01																				

No tocante às frases reproduzidas, podemos constatar, na tabela 18, que o número de ocorrências é quase equivalente entre as que se iniciam com a conjunção integrante “que” e as que são infinitivas.

Com o verbo “mandar”, a preferência incide na complementação com a proposição infinitiva, tendo a preocupação de preencher a posição sujeito com o pronome “ela” (9 ocorrências), evitando a anáfora zero (1 ocorrência). Houve apenas uma ocorrência da frase reproduzida iniciada pela conjunção integrante “que”.

Tabela 18 - Estruturas das frases reproduzidas - c3m

Estrut. E	que + IdPt1	que + IdPt2	que + Loc.V	que + SbPt	se + IdPt1	se + Loc.V	se + IdPt 2	If	If + If	prep + If	PR + IdPt 1	pron	adv
	8.00	-	-	-	01	-	-	-	03	-	-	-	03
9.00	07	-	04	06	-	01	-	14	03	-	-	15	01
10.00	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11.00	01	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01	-

Notamos em **Elysa, 9** (c3m007), uma preocupação em elaborar mais seu texto em: **então sua mãe mandou | a mandou ir a casa dela**, mas tal construção não é aceita. O verbo “mandar”, como causativo, só aceita a ênclise, uma vez que o pronome funciona como sujeito da proposição infinitiva. O mesmo acontece com a construção de **Luiz, 9** (c3m006): **e lhe mandou ir pela estrada do rio**, em que o **lhe** (= a ela) não pode funcionar como sujeito de **ir**.

Também muito recorrente foram as frases reproduzidas do verbo de elocução “dizer” (IdPt2) e (Gr), cuja complementação se deu, quase que equivalentemente, com as construções iniciadas pela conjunção integrante “que” e pela preposição “para” mais infinitivo.

Um fato que distingue bem o discurso indireto do direto é que este é bem marcado pela pontuação. Talvez, por querer intensificar a enunciação do personagem, que **Marcela, 9** (c3m016) utiliza os dois pontos depois do verbo de elocução no discurso indireto: **sua mãe disse : | que era para ir pelo caminho do rio**.

Com o verbo de elocução “pedir” (IdPt2), (Loc V IdPt3) e (Gr), também ocorre, quase que equivalentemente, com as construções iniciadas pela conjunção integrante “que” e pela preposição “para” mais infinitivo. Além disso, a ocorrência da frase nominal “**socorro**” como enunciação indireta se repete em **Cristiane, 9** (c3m014).

Já, com o verbo de elocução “perguntar”, aparece, pela primeira vez, a frase reproduzida iniciada pela conjunção integrante “se” em **José Augusto, 9** (c3m019): **Um dia ela perguntou a sua mãe se podia levar fru- _ | _tas para sua vó**, mas ocorre também iniciada pela preposição “para” mais pronome interrogativo ou somente por este último.

A frase reproduzida do verbo de elocução “responder” (2 usos) ocorre iniciada pela conjunção “que”; muito embora haja uma incoerência no tempo verbal **fica** que, ao nosso ver, não cabe uma metáfora temporal em **Daniel, 10** (c3m020):

o lobo muito sabito respondeu que | a casa da vóvó dela fica mais a frente

o lobo muito sabido respondeu que a casa da vovó dela fica mais a frente

Temos ainda a ocorrência da frase nominal **socorro** como reproduzida do verbo de elocução vicário “gritar” em **Luiz, 9** (c3m006), e a ocorrência da frase reproduzida do verbo “falar” (2 ocorrências) iniciada pela conjunção integrante “que” e pela preposição “para” mais infinitivo.

Quanto aos dêiticos e aos anafóricos, além das anáforas zero anteriormente mencionadas, temos a ocorrência de “sua” (16 ocorrências), “dela” (4 ocorrências) e “lá” (1 ocorrência).

5 SÍNTESE

1) uso do discurso indireto nas narrativas

Tabela 19 - Série e classe social X Usuário e uso

SÉRIE	TOTAL DA AMOSTRA	TOTAL DE USUÁRIO	%	TOTAL DE USO
1b	14	07	50	07
1m	19	08	42	17
2b	23	11	47	21
2m	24	16	66	25
3b	18	11	61	33
3m	25	17	68	42
Total	123	70	57	145

CITAÇÃO DE CITAÇÃO: 06 ocorrências em toda amostra

2) Conteúdo e estrutura do discurso indireto

Tabela 20 - Relação entre idade (E) x Episódios (Ep)

Ep \ E	02	03	04	05	06	07	Total (uso)	Total usuário	Total ñ usuário
7.00	09	01	04	-	-	02	16	09	10
8.00	26	-	10	-	-	02	38	21	15
9.00	34	02	18	-	05	01	60	26	15
10.00	14	-	08	01	01	-	24	11	10
11.00	05	-	01	-	-	-	06	02	02
12.00	01	-	-	-	-	-	01	01	01
Total	89	03	41	01	06	05	145	70	53

Tabela 21 - Relação entre o verbo de elocução (VE) X Série escolar por classe social

SÉRIE \ VE	C1b		C1M		C2b		C2m		C3b		C3m	
	uso	%	uso	%	uso	%	uso	%	uso	%	uso	%
dizer	01	14,3	10	58,8	06	28,6	07	28	12	41,4	13	30,9
mandar	06	85,7	02	11,8	12	57	06	24	08	27,6	12	28,6
pedir	-	-	03	17,6	01	4,8	06	24	01	3,4	09	21,4
chamar	-	-	-	-	01	4,8	01	4	01	3,4	-	-
perguntar	-	-	-	-	01	4,8	01	4	04	13,9	03	7,1
falar	-	-	-	-	-	-	01	4	-	-	02	4,8
convidar	-	-	-	-	-	-	01	4	-	-	-	-
prometer	-	-	-	-	-	-	01	4	-	-	-	-
responder	-	-	-	-	-	-	-	-	01	3,4	02	4,8
gritar	-	-	01	5,8	-	-	-	-	-	-	01	2,4
dar aviso*	-	-	-	-	-	-	-	-	01	3,4	-	-
dar conselho*	-	-	-	-	-	-	-	-	01	3,4	-	-
∅	-	-	01	5,8	-	-	01	4	-	-	-	-

Tabela 22 - Estrutura frase reproduzida X série escolar por classe social.

C \ FR	QUE	SE	IF
1b	01	-	06
1m	12	-	09
2b	05	-	15
2m	11	-	24
3b	23	-	13
3m	20	01	21
TOTAL	72	01	88

6 CONCLUSÃO

A análise dos dados nos mostra que o uso e, por extensão, o domínio crescente do discurso indireto estão ligados à idade e à série escolar: as crianças de 07 anos per-

tencentes à 1ª série são as que produzem menos o discurso indireto, principalmente, em sua forma desenvolvida, preferindo a reduzida infinitiva. É a partir da terceira série que as crianças de 09 anos de idade usam mais, e adequadamente, as formas desenvolvidas com a conjunção integrante “que” e, mais raramente, o “se”, específico do verbo de elocução “perguntar”. Com este verbo, há a preferência pelos pronomes interrogativos.

No tocante ao conteúdo, os verbos de elocução direcionam as falas dos personagens que dão continuidade ao desenrolar da ação. É através delas que o narrador divide sua tarefa de narrar, como se passasse para as personagens algumas de suas responsabilidades, eximindo-se de um maior comprometimento. Isso pode ser confirmado no uso de citação de citação.

Os verbos de elocução preferidos são “mandar” e “dizer”. O primeiro pode ser justificado pela exigência do episódio 02 em que a mãe solicita a Chapeuzinho que vá levar algo a sua avó. A escolha do verbo “mandar” reflete a visão da autoridade da mãe sobre o filho. Já a preferência pelo verbo “dizer”, acreditamos que seja por ele ser um legítimo *dicendi*.

Em se tratando da estrutura do discurso indireto, parece que as dificuldades das crianças resultam do fato de as frases reproduzidas em forma desenvolvida requererem maior coesão sintático-semântica, principalmente, no que diz respeito ao sistema tempo-modo-aspecto no relacionamento entre o verbo de elocução na frase introdutória e o da frase reproduzida.

Embora a forma desenvolvida requeira mais elaboração, a criança coerentemente emprega a “metáfora temporal”, evidenciando assim que muitas das estruturas usadas podem ser legitimamente explicadas no plano discursivo.

Explicar a preferência (inicial) da criança pelo infinitivo por esta forma ser mais próxima da estrutura profunda, como defendem alguns estudiosos de tendência gerativista, é uma explicação ligada à sintaxe, que não dá conta de fatos que só podem ser recuperados pelo contexto.

Podemos dar mais suporte a essa nossa hipótese no uso da anáfora zero e do pronome ela(e) na posição sujeito, referindo-se ao protagonista (tópico), garantindo a continuidade do texto.

Isso nos leva a refletir sobre a maneira mais característica das escolas, pelo menos as que conhecemos, em “trabalhar” o discurso indireto, fazendo a transposição discurso direto palavra por palavra, em geral, com enunciados soltos ou excertos de diálogos. Assim, não incentivam as crianças a transferirem a subjetividade e os matizes afetivos da situação atual do evento de fala.

Direta ou indiretamente, os dados permitem-nos afirmar que a escolaridade influencia o uso do discurso indireto, pois a criança está mais exposta à leitura, à produção de textos e a tarefas, etc. Atribuímos o fato da criança de 1ª série não empregar em textos escritos a frase reproduzida

com a forma desenvolvida ao tipo de texto das cartilhas e livros didáticos, da alfabetização e 1ª série, respectivamente. Em geral, “os textos das cartilhas mais parecem listas de sentenças independentes, simples, afirmativas no presente do indicativo”⁹

Essas constatações dão margens a um redimensionamento do estudo do discurso indireto tanto por professores quanto por estudiosos; principalmente por estes últimos, pois às nossas constatações falta confirmação junto aos produtores dos textos estudados ou uma investigação longitudinal da evolução da reprodução do discurso indireto. Os dados aqui obtidos apenas indicam pontos precisos das fases dessa evolução, dados estes que poderão subsidiar pesquisas futuras.

BIBLIOGRAFIA

- ALLIENDE, F. G. & CONDEMARÍN, M. (1987). *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BAKHTIN, M. (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BASTOS, L. K. X. (1985). *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas: Unicamp.
- BASTOS, L. C. (1989). Discurso direto: um relato por linhas tortas. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife: ANPOLL, p. 629-39.
- COULMAS, F. (1986). Reported speech: some general issues. In: *Direct and indirect speech*. Berlin, New York, Amsterdam: Mouton de Gryter.
- FÁVERO, L. L. (1987). O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão. In: KIRST, MARTA & CLEMENTE, Ivo (orgs.) Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 51-61.
- FERREIRO, E. et al. (1996). *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. São Paulo: Ática.
- GARCIA, M. (1986). *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: FGV.
- GARCIA HIDALGO, I. & FABRETTI, D. (1996). *Manual do usuário do sistema TEXTUS*. São Paulo: Ática.
- KOCH, I. G. V. (1987). Dificuldades na leitura / produção de textos: os conectores interfrásticos. In: KIRST, MARTA & CLEMENTE, Ivo (orgs.) Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 83-98.
- _____. (1995). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- LUFT, C. P. (1993). *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática.
- MARTINS, N. S. (1989). *Introdução à lingüística*. São Paulo: EDUSP.
- MATUTE, E. & LEAL, F. (1996). Se puede evaluar la coherencia en narraciones escritas por niños? In: *Lectura y vida*. Ano XVII, n.º. 3, Newark: IRA, p. 5-16.
- PERRONI, M. C. (1992). *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes.
- REIS, C. & LOPES, A. C. M. (1988). *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática.
- ROCHA, I. L. V. (1994). *Aquisição da pontuação: usos e saberes de crianças na escrita de narrativas*. São Paulo. Tese de Doutorado - PUC, 330 p.
- _____. (1991). *O discurso relatado na fala e na escrita de crianças: um estudo exploratório*. Fortaleza, (trabalho não concluído).
- ROJO, R. H. R. (1991). O desenvolvimento da narrativa escrita: como são os textos que as crianças escrevem? In: *Boletim n.º. 11, ABRALIN*, São Paulo.
- SOARES, M. E. (1994). Aspectos relativos à produção de narrativas por crianças de 3 a 9 anos. In: *Cadernos de estudos Lingüísticos*, vol.26. Campinas: UNICAMP, p.79-102.
- VOTRE, S. J. (1987). Discurso e sintaxe nos textos de iniciação à leitura. In: KIRST, M. & CLEMENTE, I. (orgs.) Porto Alegre: Mercado Aberto, p.111-26.

⁹ Sobre as características dos textos de iniciação à leitura, ver VOTRE (1987, p. 114-24).